Americanos não querem fixar limite de juros

por Reginaldo Heller
do Rio

Apenas os bancos norte-americanos são contrários à fixação de limites máximos de juros para o refinanciamento da dívida externa dos países menos desenvolvidos. A tese vem sendo defendida por organismos financeiros internacionais, tais como o Banco Mundial e o próprio Fundo Monetário Internacional, e mereceu, anteontem, críticas do vice-presidente do Citibank, William Rhodes, durante debates promovidos na reunião de bancos centrais que se realiza em Nova York para tratar, exatamente, da rolagem da dívida externa daqueles países.

Segundo apurou esse jornal junto a banqueiros com acesso fácil no mercado financeiro internacional, os bancos europeus, especialmente os alemães, mostram-se mais favoráveis à tese de limites para os juros, como instrumento de viabilização do pagamento da dívida sem ônus sociais e políticos para os devedores. Na realidade, contudo, existem razões legais que justificam a diferença de posições. Os bancos americanos são obrigados a contabilizar trimestralmente suas perdas de receitas e diferir parcelas de seus lucros para formação de reservas de cobertu-

ra, enquanto a legislação de outros países, mormente os europeus, não impõe iguais exigências

RISCOS

Dessa forma, por exemplo, apenas os grandes bancos americanos, com empréstimos aos quatro principais devedores latino-americanos, num total de US\$ 47,5 bilhões, estariam incorrendo em alto risco, caso a taxa de mercado supere a taxa fixada numa eventual negociação multilateral. Uma diferença de 1%, por exemplo, entre a "prime-rate" e a taxa especial para os devedores pode significar, neste caso, segundo os cálculos dos banqueiros, prejuízos efetivos da ordem de US\$ 575 milhões, no conjunto daqueles grandes credores para os quatro devedores. A menos, é evidente, que se encontre uma fórmula de compensação a esses bancos, afiançam aquelas fontes. No caso dos bancos europeus, ao contrário, não haveria necessidade de formação de reservas para cobertura de diferenças de taxas. Por isso mesmo, ao que se informou no Rio, o Deutsche Bank estaria inclinado a aceitar a tese, até mesmo porque mantém um relacionamento estreito com o Federal Reserve Bank de Nova York, cujo presidente, Anthony Solomon, é um dos seus defensores mais conhecidos.